

Romance do Pavão MISTÉRIOSOS



STENIA

HISTÓRIA DO PAVÃO MISTERIOSO

Eu vou contar uma história
de um Pavão Misterioso
que levantou vôo na Grécia
com um rapaz corajoso
raptando uma condessa
filha dum conde orgulhoso

Residência na Turquia
um viuvo capitalista
pai de dois filhos solteiros
o mais velho João Batista
então o filho mais novo
chamava-se Evangelista

O velho turco era dono
duma fábrica de tecidos
com largas propriedades
dinheiro e bons possuídos
deu de herança a seus filhos
porque eram bem unidos

(2)

Depois que o velho morreu,
fizeram combinação
porque João Batista
concordou com seu irmão
e foram negociar
na mais perfeita união

Um dia João Batista
pensou pela vaidade
e disse a Evangelista:
meu mano eu tenho vontade
de visitar o estrangeiro
se não te deixar saudade

Olha que nossa riqueza
se acha muito aumentada
e dessa nossa fortuna
ainda não gozei nada
portanto convém qu'eu passe
um ano em terra afastada

Respondeu Evangelista:
vai que aqui ficarei
regendo o nosso negócio
como sempre trabalhei
garanto que nossos bens
com cuidado zelarei

Quero fazer-te um pedido
procuras no estrangeiro
um objeto bonito

(3)

só para rapaz solteiro
traz para mim de presente
embora custe dinheiro

João Batista prometeu
com muita boa atenção
de comprar um objeto
de gosto do seu irmão
então tomou um paquete
e seguiu para o Japão

João Batista no Japão
esteve 6 meses somente
gozando naquele impéria
percorreu o Oriente
depois seguiu para a Grécia
outro país diferente

João Batista entrou na Grécia
divertiu-se a passear
comprou passagem da bordo
quando ia embarcar
ouviu um grêgo dizer;
acho bom se demorar

João Batista respondeu
amigo, fale a verdade
por qual motivo o senhor
manda eu ficar na cidade?
disse o grego; vai haver
uma grande novidade

Mora aqui nesta cidade
um conde muito valente
mais soberbo do que Nero
pai duma filha somente
é a moça mais bonita
que há no tempo presente

É a moça que eu falo
filha do tal potentado
o pai tem ela escondida
em um quarto do sobrado
chama-se Creusa e criou-se
sem nunca ter passeado

De ano em ano essa moça
bota a cabeça de fora
para o povo adorá-la
no espaço duma hora
para ser vista outra vez
tem um ano de demora

O conde não consentiu
outro homem educá-la
só ele como pai dela
teve o poder de ensiná-la
será morto o criado
que dela ouvir a fala

Os estrangeiros têm vindo
tomar o conhecimento
amanhã ela aparece

ao grande ajuntamento
é proibido pedir-se
a mão dela em casamento

Então disse João Batista:
agora vou demorar
para ver essa princesa
estrela dêste lugar
quando eu chegar na Turquia
tenho muito que contar

Logo no segundo dia
Creusa saiu à janela
os fotógrafos se vexaram
tirando o retrato dela
quando inteirou uma hora
desapareceu a donzela

João Batista viu depois
um retratista vendendo
alguns retratos de Creusa
vexou-se e foi lhe dizendo:
quanto quer pelo retrato?
porque comprá-lo pretendo

O fotógrafo respondeu:
lhe custa um conto de réis
João Batista inda disse:
eu comprava até por dez
se o dinheiro fôsse pouco
empenharia os anéis

(6)

João Batista voltou
da Grécia para a Turquia
quando chegou em Meca
cidade em que residia
o seu mano Evangelista
banqueteou o seu dia

Então disse Evangelista:
meu mano vá me contando
se visses coisas bonitas
onde andasses passeando
o que me trouxe de presente
vá logo me entregando

Respondeu João Batista:
para ti trouxe um retrato
duma condessa da Grécia
moça que tem fino trato
custou-me um conto de réis
indá achei muito barato

Respondeu Evangelista
depois duma gargalhada:
nesse caso meu irmão
para mim não trouxe nada
pois retrato de mulher
é coisa bastante usada

Sei que tem muitos retratos
mas como o que trouxe não
vai agora examiná-lo

entrego na tua mão
quando vires a beleza
mudarás de opinião

João Batista retirou
o retrato duma mala
entregou ao rapaz
que estava em pé na sala
mas quando viu o retrato
quis falar tremeu a fala

Evangelista voltou
com o retrato na mão
tremendo quase assustado
perguntou a seu irmão
se a moça do retrato
tinha aquela perfeição

Respondeu João Batista;
Creusa é muito mais formosa
do que o retrato dela
em beleza é graciosa
tem o corpo desenhado
por uma mão milagrosa

João Batista perguntou
fazendo um ar de riso:
que é isso, meu irmão?
queres perder o juízo?
já vi que este retrato
vai te causar prejuízo

(8)

Respondeu Evangelista:
pois meu irmão, eu te digo
vou sair do meu país
não posso ficar contigo
pois a moça do retrato
deixou-me a vida em perigo

João Batista falou sério:
precipício não convém
de que te serve ir embora
por este mundo além
em procura duma moça
que não casa com ninguém?

Teu conselho não me serve
estou impressionado
rapaz sem moça bonita
é um desafortunado
se eu não casar com Creusa
findo meus dias enforcado

Vamos partir a riqueza
que tenho necessidade
dar balanço no dinheiro
porque eu quero a metade
e o que não posso levar
dou-te de boa vontade

Deram balanço ao dinheiro
só 3 milhões encontraram
tocou dois a Evangelista

conforme se combinaram
com relação ao negócio
da firma se desligaram

Despediu-se Evangelista
abraçou o seu irmão
chorando um pelo outro
na triste separação
seguindo um para a Grécia
em uma embarcação

Logo que chegou na Grécia
hospedou-se Evangelista
em 1 hotel dos mais pobres
negando assim sua pista
só para ninguém saber
que era um capitalista

Ali passou oito meses
sem se dar a conhecer
sempre andava disfarçado
só para ninguém saber
até que chegou o dia
da donzela aparecer

Os hotéis já se achavam
repletos de passageiros
passeavam pelas praças
os grupos de cavalheiros
havia muitos fidalgos
chegados dos estrangeiros

As duas horas da tarde
Creusa saiu à janela
mostrando sua beleza
entre o conde e a mãe dela
todos tiraram o chapéu
em continência a donzela

Quando Evangelista viu
o brilho da boniteza
disse; vejo que meu mano
quis me falar com franqueza
pois esta gentil donzela
é rainha da beleza

Evangelista voltou
aonde estava hospedado
como não falou com a moça
estava contrariado
foi inventar uma idéia
que lhe desse resultado

No outro dia saiu
passeando Evangelista
encontrou-se na cidade
com um rapaz jornalista
perguntou se não havia
na praça algum artista

Respondeu o jornalista;
tem o doutor Edmundo
na Rua dos Operários

é engenheiro profundo
para inventar maquinismo
é ele o maior do mundo

Evangelista entrou
na casa do engenheiro
falando em lingua grega
negando ser estrangeiro
lhe propondo um negócio
oferecendo dinheiro

Assim disse Evangelista:
meu engenheiro famoso
primeiro vá me dizendo
se não és homem medroso
porque eu quero ajustar
um negócio vantajoso

Respondeu-lhe Edmundo:
na arte não tenho medo
mas vejo que o amigo
quer um negócio em segredo
como precisa de mim
me conte lá esse enrêdo

Eu amo a filha do conde
a mais formosa mulher
se o doutor inventar
um aparelho qualquer
que eu possa falar com ela
paga o que o senhor quiser

Eu aceito seu convite
mas preciso lhe avisar
que vou trabalhar 6 meses
o senhor tem que esperar
é obra desconhecida
que agora vou inventar

—Quer dinheiro adiantado?
eu lhe pago neste momento
—Não senhor, ainda é cedo
quando findar meu invento
é que eu lhe digo o preço
quanto custa o pagamento

Enquanto Evangelista
impaciente esperava
o engenheiro Edmundo
toda noite trabalhava
oculto em sua oficina
e ninguém adivinhava

O grande artista Edmundo
desenhou nova invenção
fazendo um aeroplano
de pequena dimensão
fabricado de alumínio
com importante armação

Movido a motor elétrico
depósito de gasolina
com locomoção macia

que não fazia buzina
a obra mais importante
que fez em sua oficina

Tinha cauda como leque
as asas como pavão
pescoço, cabeça e bico
alavanca, chave e botão
voava igual ao vento
para qualquer direção

Quando Edmundo terminou
disse a Evangelista:
sua obra está perfeita
ficou com bonita vista
o senhor tem que saber
que Edmundo é artista

Eu fiz um aeroplano
da forma de um pavão
que arma e se desarma
comprimindo num botão
e carrega dez arrobas
três léguas acima do chão

Foram experimentar
se tinha jeito o pavão
abriram alavanca e chave
carregaram num botão
o monstro girou suspenso
maneiro como um balão

O pavão de asas abertas
partiu com velocidade
cortando todo espaço
muito acima da cidade
como era meia-noite
voaram à sua vontade

Então disse o engenheiro:
já provei minha invenção
fizemos experiência
tome conta do pavão
agora o senhor me paga
sem promover discussão

Perguntou Evangelista;
quanto custa o seu invento?
—dê-me cem contos de réis
acha caro o pagamento?
o rapaz lhe respondeu:
ache pouco dou duzentos

Edmundo ainda lhe deu
uma serra azougada
que serrava calbros e ripas
sem que fizesse zuada
tinha dentes de navalha
de gume bem afiada

Deu um lenço enigmático
que quando Creusa gritava
chamando pelo pai dela

Então o moço passava
ele no nariz da moça
com isso ela desmaiava

Então disse o jovem turco:
muito obrigado fiquei
do pavão e dos presentes
para a luta me armei
amanhã a meia-noite
com Creusa conversarei

A meia-noite o pavão
do muro se levantou
com as lâmpadas apagadas
como uma flexa voou
bem no palácio do conde
na cumeeira aterrou

Evangelista em silêncio
cinco telhas arredou
um buraco de dois palmos
caibros e ripas serrou
e pendurou uma corda
por ela se escorregou

Chegou no quarto de Creusa
onde dormia a donzela
debaixo dum cortinado
feito de sêda amarela
ele para acordá-la
pôs a mão na testa dela

A moça estremeceu
acordou no mesmo instante
é viu um rapaz estranho
de rosto muito elegante
que sorria para ela
com um olhar fascinante

Então Greusa deu um grito:
papai, um desconhecido
entrou aqui no meu quarto
sujeito muito atrevido
venha depressa, papai
pode ser algum bandido

O rapaz lhe disse: moça
entre nós não há perigo
estou pronto a defendê-la
como um verdadeiro amigo
venho é saber se a senhora
quer se casar comigo

O jovem puxou o lenço
no nariz dela tocou
deu uma vertigem na moça
de repente desmaiou
e ele subiu na corda
chegando em cima tirou

O rapaz acertou os caibros
e consertou o telhado
e calcando seu pavão

voou bastante vexado
foi esconder seu pavão
aonde foi fabricado

O conde acordou aflito
quando ouvia a zuada
entrou no quarto da filha
desembainhou a espada
mas encontrou-a sem sentido
dez minutos desmaiada

Procurou por todo canto
com a espada na mão
berrando e soltando pragas
colérico como um leão
dizendo: onde encontrá-lo
eu mato este ladrão

Creusa lhe disse: papai
pois eu vi neste momento
um jovem rico elegante
me falando a casamento
não vi quando ele encantou-se
porque deu-me 1 passamento

Disse o conde: nesse caso
tu já estás a sonhar
moça de dezoito anos
já pensando em se casar
se aparecer casamento
eu saberei desmanchar

Evangelista chegou
às duas da madrugada
assentou o seu pavão
sem que fizesse zuada
desceu pela mesma trilha
na corda dependurada

Creusa estava deitada
dormindo o sono inocente
seus cabelos como um véu
que enfeita puramente
como um anjo terrial
que tem lábios sorridentes

O rapaz muito sutil
foi pegando na mão dela
então a moça acordou-se.
ele garantiu a ela
que não era malfazejo;
— não tenha medo donzela

A moça interrogou-o
dizendo; quem é o senhor?
disse ele: sou estrangeiro
te consagrei grande amor
se não fores minha esposa
a vida não tem valor

Creusa achou impossível
o moço entrar no sobrado
então perguntou a ele:

do jeito que tinha entrado
e disse: vá me dizendo
se és vivo ou encantado

—Como eu lhe tenho amor
me arrisco fora de hora
moça não me negue o sim
a quem tanto te adora;
Creusa aí gritou: papai
venha ver o homem agora

Ele aí passou o lenço
ela caiu sem sentido
êle subiu pela corda
por onde tinha descido
ao chegar em cima disse:
o conde será vencido

Ouviu-se tocar cornêta
o brado do sentinela
o conde se dirigiu
ao quarto da donzela
viu a filha desmaiada
não pôde fala com ela

Até que a moça tornou
disse: o conde é 1 caso sério
sou fidalgo muito rico
atentado em meu critério
mas nós vamos descobrir
o autor deste mistério

Minha filha, eu já pensei
 num plano muito sagaz
 passar esta banna amarela
 na cabeça desse audaz
 só, assim descobriremos
 este anjo ou satanaz.

Só sendo uma visão
 que entra neste sobrado
 só chega à meia-noite
 entra e sai sem ser notado
 se é gente deste mundo
 usa feitiço encantado

Evangelista também
 desarmou o seu pavão
 a cauda, capota e bico
 diminuiu a armação
 escondeu o seu motor
 em um pequeno caixão

Depois de sessenta dias
 alta noite em novembro
 Evangelista chegou
 em seu pavão tão maneiro
 desceu pela mesma trilha
 a seu modo traçoieiro

Já era a terceira vez
 que Evangelista entrava
 no quarto em que a condessa

à noite se agasalhava
pela força do amor
o rapaz se arriscava

Com pouco a moça acordou
foi logo dizendo assim:
tu tens dito que me amas
com um bém querer sem fim
se me amas com respeito
te senta perto de mim

Evangelista sentou-se
pôs-se a conversar com ela
trocando risos esperava
a resposta da donzela
ela pôs-lhe a mão na cabeça
espalhou a banha amarela

A condessa levantou-se
com vontade de gritar
o rapaz tocou-lhe o lenço
sentiu ela desmaiar
deixou-a numa síncope
tratou de se retirar

E logo Evangelista
quando da cumeeira
foi esconder seu pavão
nas folhas duma palmeira
disse: na quarta viagem
levo a condessa estrangeira...

Creusa passou o resto
da noite mal sossegada
acordou pela manhã
meditativa e cismada
se o pai não perguntasse
ela não dizia nada

Disse o conde: minha filha
parece que estás doente
sofrendo de algum acesso?
porque teu olhar não mente
o tal rapaz encantado
te apareceu certamente

Creusa lhe disse: papai
eu cumpri o seu mandado
o rapaz apareceu-me
mas achei-o delicado
passei-lhe a banha amarela
e ele saiu marcado

O conde disse aos soldados
que a cidade patrulhassem
tomassem os chapéus dos homens
que nas ruas encontrassem
um de cabelo amarelo
ou rico ou pobre pegassem

Evangelista vestiu-se
em roupa de alugado
encontrou com a patrulha

O seu chapéu foi tirado
viram o cabelo amarelo
disseram: esteja intimado

Os soldados lhe disseram:
cidadão não estremeça
está preso às ordens do conde
acho bom que não se cresça
vai a presença do conde
se és duro não esmoreça

Você hoje vai provar
por sua vida responde
como é que tem falado
com a filha do nosso conde
quando ele lhe procura
onde é que você se esconde?

Respondeu Evangelista:
também me façam um favor
enquanto eu vou vestir
minha roupa superior
na classe de gente rica
ninguém pisa em meu valor

Disseram: pode mudar
sua roupa de nobreza
a moça bem que dizia
que o rapaz tinha riqueza
vamos ganhar umas luvas
e o conde uma surpresa

(24)

Saiu Evangelista
conversando com o guarda
até que se aproximou
duma palmeira copada
então disse Evangelista:
minha roupa está trepada

E os soldados olharam
em cima viram um caixão
mandaram ele subir
ficaram de prontidão
pegaram a conversar
prestando pouca atenção

Evangelista subiu
pôs o dedo no botão
seu monstro de alumínio
ergue a sua armação
dali foi se levantando
saiu voando o pavão

E os soldados gritaram:
amigo, o senhor desça
deixe de tanta demora
é bom que não aborreça
se não com pouco uma bala
visita sua cabeça

Então mandaram subir
um soldado de coragem
disseram: pegue na perna

arraste com a folhagem
está passando da hora
de voltarmos da viagem

Quando o soldado subiu
gritou: perdemos a ação
fugiu o moço voando
de longe vejo o pavão
zombou da nossa patrulha
aquele moço é o cão

Voltou e disseram ao conde
que o rapaz tinham encontrado
mas do olho duma palmeira
o rapaz tinha voado
disse o conde: é o cão
que com Creusa tem falado

Creusa sabendo a história
chorava de arrependida
por ter marcado o rapaz
com banha desconhecida
disse: nunca mais terei
sossêgo na minha vida

Disse a moça: ora papai
me priva da liberdade
não consente que eu goze
a distração da cidade
vivo como crimíncsa
sem gozar a mocidade

Aqui não tenho direito
de falar com um criado
um rapaz para me ver
precisa vir encantado
mas talvez que inda fuja
desse maldito sobrado!

O rapaz que me tem amor
só queria vê-lo agora
para cair em seus braços
como a infeliz que chora
embora que eu depois
morresse na mesma hora!

Eu sei bem que para ele
não mereço confiança
enquanto ele vinha aqui
eu ainda tinha esperança
de sair desta cadeia
que dar sentença a criança!

As quatro da madrugada
Evangelista descen
Creusa estava acordada
nunca mais adormeceu
a moça estava chorando
o rapaz apareceu

O jovem cumprimentou-a
deu-lhe um aperto de mão
a condessa ajoelhou-se

para lhe pedir perdão
disse: foi pai que mandou
eu fazer-te a traição

O rapaz disse: menina
a mim não fizeste mal
toda moça é inocente
tem seu papel virginal
cerimônia de donzela
é coisa mui natural

Todo meu sonho dourado
é te fazer minha senhora
se queres casar comigo
te arrumas vamos embora
se não o dia amanhece
e se perde a nossa hora

Se o senhor é homem sério
e comigo quer casar
pois tome conta de mim
aqui não quero ficar
se eu falar em casamento
papai manda me matar

Embora que teu pai mande
tropas e navios nos mares
minha viagem é aérea
meu cavalo anda nos ares
nós vamos fugir daqui
casar em outros lugares

Creusa estava empacotando
o vestido mais elegante
o conde entrou no quarto
e dando um berro vibrante
dizendo: filha maldita
vais morrer com teu amante

O conde rangiu os dentes
avançou com 1 passo extenso
deu um ponta-pé na filha
dizendo: sou eu quem venço;
logo no nariz do conde
o rapaz passou-lhe o lenço

Ouviu-se o baque do conde
porque rolou desmaiado
a última cena do lenço
deixou-o magnetizado
disse o moço: tem 10 minutos
pra sairmos do sobrado

Creusa disse: estou pronta
já podemos ir embora
e subiram numa corda
até que saíram fora
se aproximava a alvorada
pela cortina da aurora

Com pouco o conde acordou
viu a corda pendurada
na coberta do sobrado

distinguiu-se uma zuada
e as lâmpadas do aparelho
mostrando luz variada

A gaita do pavão
tocando com rouca voz
o monstro de olhos de fogo
projetando os seus taróis
o conde mandando pragas
disse Creusa: é contra nós

Os soldado da patrulha
estavam de prontidão.
disseram: vem ver, fulano
lá vem passando o pavão!
o monstro fez uma curva
para tomar direção

Então disse 1 dos soldados:
orgulho é uma ilusão
um pai governa uma filha
mas não manda o coração
agora a condessinha
vai fugindo no pavão

O conde olha pra corda
viu o buraco no telhado
como tinha sido vencido
pelo rapaz atilado
adoeceu só de raiva
morreu por não ser vingado

Logo que Evangelista
foi chegado na Turquia
com a condessa da Grécia
fidalgã da monarquia
em casa de João Batista
casaram no mesmo dia

Em casa de João Batista
deu-se grande ajuntamento
dando viva ao noivado
parabens de casamento
a noite teve retreta
com visita e cumprimento

Enquanto Evangelista
gozava imensa alegria
chegava um telegrama
da Grécia para a Turquia
chamando a condessa Creusa
pelo motivo que havia

Dizia o telegrama;
Creusa vem com teu marido
receber a tua herança
o conde já é falecido
tua mãe deseja ver
o genro desconhecido

A condessa estava lendo
oom o telegrama na mão
entregou a Evangelista

que mostrou a seu irmão
dizendo: vamos voltar
por uma justa razão.

De manhã quando os noivos
acabaram de almoçar
Creusa em traje de noiva
pronta para viajar
de palma, véu e capela
pois só vieram casar

Diziam os convidados:
a condessa é tão novinha
e vestida assim de noiva
se torna mais bonitiinha
está com um bouquet de flores
séria como uma rainha

Os noivos tomaram assento
no pavão do alumínio
e o monstro levantou-se
foi ficando pequenino
continuou o seu vôo
no rumo do seu destino

Na cidade de Atenas
estava a população
esperando pela volta
do aeroplano pavão
ou cavalo do espaço
que imita o avião

Na tarde do outro dia
que o pavão foi chegado
em casa de Edmundo
ficou o moço hospedado
seu amigo de confiança
que foi bem recompensado

E também a mãe de Creusa
já esperava vexada
a filha mais tarde entrou
muito bem acompanhada
de braço com o seu noivo
disse: mamãe, estou casada

Disse a velha: minha filha
saíste do cativoiro
fizeste bem em fugir
e casar no estrangeiro
tomem conta da herança
meu genro é meu herdeiro

FIM—Juazeiro, 9-9-1973

8484 VARIANTE
Tip. São Francisco

José Bernardo da Silva

Rua Sta. Luzia, 263-Juazeiro do Norte-Ce
Variado sortimento de romances folhetos e orações. Desconto aos revendedores

A G E N T E S :

EDSON PINTO DA SILVA

Mercado S. José-Compartimento N. 7
Recife Pernambuco

BENEDITO ANTONIO DE MATOS

Café S. Miguel, dentro do Mercado Central — Fortaleza — Ceará

Exclusivo em Natal

ANTONIO EMÍDIO DA SILVA

Rua Cel. Estêvam, 1325 -- Natal-R.G.N.

Exclusivo para todo o Pará:

RAIMUNDO OLIVEIRA

Mercado de Ferro Aparador, 26
Belém — Pará

JOÃO OLIVEIRA

Bazar Pe. Cláudio — Bacabal — Ma

PIO JOSÉ DE ALMEIDA

Mercadinho Modelo, Box N. 6
Porto Velho -- terr. Fed. da Rondônia